

## **Imagens da Docência: Um Estudo sobre o Processo de Trabalho e Mal-estar Docente<sup>1</sup>**

### **Vera Lúcia Gainssa Balinhas**

Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento  
Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação  
em Educação da Faculdade de Educação da Universidade  
Federal de Pelotas.

E-mail: vera.balinhas@gmail.com.

### **Jarbas Santos Vieira**

Doutor em Educação e professor associado na  
Universidade Federal de Pelotas.

### **Maria de Fátima Duarte Martins**

Doutora em Psicologia e professora adjunta na  
Universidade Federal de Pelotas.

### **Maria Manuela Alves Garcia**

Doutora em Educação e professora associada na  
Universidade Federal de Pelotas.

### **Leomar Eslabão**

Doutor em Educação, professor no Instituto Federal de  
Educação – Pelotas/RS.

---

<sup>1</sup> Projeto financiado pelo CNPq: A constituição das doenças da docência (doença), 2009.

### **Aline Ferraz da Silva**

Mestre em Educação, professora do Instituto Federal de Educação – Porto Alegre/RS, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas.

### **Carmem Lúcia Fetter**

Pedagoga.

### **Vanessa Bugs Gonçalves**

Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas.

## **Resumo**

*Esse artigo aborda as imagens de docência do professorado que atua na rede pública municipal de ensino básico do município de Pelotas, Rio Grande do Sul. Trata-se de um recorte da pesquisa realizada entre 2007 e 2009, cujo objetivo foi analisar aspectos e elementos do processo de trabalho das professoras. A partir de dados funcionais e de entrevistas com professoras que obtiveram licenças de saúde em 2006 e 2007, discutimos o processo de trabalho e as expectativas das professoras frente à educação e à carreira, bem como as implicações que tais imagens guardam com a saúde de cada docente. Nessa abordagem destacamos que a imagem do magistério como sacrifício se naturaliza como componente inexorável do processo de trabalho. O mestre da renúncia de si marca as imagens da profissão – trabalhar sem condições físicas e emocionais faz parte da doação e da luta das professoras. Nestas condições, aumenta o sacrifício até o limite da instalação da doença ou do distanciamento emocional do trabalho.*

**Palavras-chave:** trabalho docente; mal-estar docente; imagens da docência; saúde.

## Teaching images: A study on the Work Process and Teacher Malaise

### Abstract

*This text is about constructed teachers' images of public schools run by town administration in Pelotas, Rio Grande do Sul. It presents part of a research carried through 2007 and 2009. Our objective was to analyze elements entwined in teachers' working process. Through functional official data and interviews, we were able to discuss the working process and the teachers' expectations about education and their own career, as well as the connections between those images and the teacher's health. Our approach points out that the image of teaching as a sacrifice has been naturalized as a hard component of the working process. The "master of renunciation" is branded by the images of professionalism – working without physical nor emotional conditions is understood as part of the donation process and teachers' fighting acts. Under those conditions, sacrifice grows until the limits of illness installation or emotional detachment from work.*

**Keywords:** *teaching work; teacher malaise; images of teaching; health.*

## Imágenes de la Enseñanza: Un Estudio sobre el Proceso de Trabajo y Malestar del Profesor

### Resumen

*Este artículo aborda las imágenes de enseñanza del profesorado en red municipal primaria pública de la Municipalidad de Pelotas, Rio Grande do Sul. Se trata de un recorte de la encuesta realizada entre 2007 y 2009, cuyo objetivo fue analizar los aspectos y elementos*

*del proceso de trabajo de los profesores. De datos funcionales y entrevistas con los profesores que hayan obtenido las licencias médicas en 2006 y 2007, hablamos sobre el proceso de trabajo y las expectativas de la frente de profesores a educación y carrera, así como las implicaciones que tales imágenes mantengan la salud de cada miembro de la facultad. En este enfoque también señalamos que la imagen de la profesión docente como un sacrificio si naturaliza como componente inexorable del proceso de trabajo. El maestro de la dimisión del marca las imágenes de la profesión – trabajar sin condiciones físicas y emocionales es parte de la donación y la lucha de los maestros. En estas condiciones, aumenta el sacrificio hasta la instalación de la enfermedad o límite el desapego emocional del trabajo.*

**Palabras-clave:** trabajo; malestar; imágenes de enseñanza; salud.

## **Éducateur Social : Image et Relations avec les Enfants dans les Situations de abri**

### **Résumé**

*Cet article examine les images de l'enseignement du personnel enseignant dans le réseau municipal élémentaire publique de la municipalité de Pelotas, Rio Grande Sul. Il s'agit d'un découpage de l'enquête réalisée entre 2007 et 2009, dont le but était d'analyser les aspects et éléments du processus de travail des enseignants. Des données fonctionnelles et des interviews avec les enseignants qui ont obtenu des licences médicales en 2006 et 2007, nous avons discuté du processus de travail et les attentes de l'avant des enseignants à l'éducation et de carrière, ainsi que les implications que ces images garder la santé de chaque membre du corps professoral. Dans cette approche nous faire remarquer que l'image de la profession enseignante comme un sacrifice si il naturalise comme composant inexorable du processus de travail. Le maître de la démission de vous marque les images de la profession – travailler sans conditions physiques et émotionnelles est partie du don et la lutte des*

*enseignants. Dans ces conditions, augmente le sacrifice jusqu'à l'installation de la maladie ou la limite le détachement émotionnel de travail.*

**Mots-clés:** *travail; malaise; images de professeurs; santé.*

## Introdução

Neste artigo discutimos as *imagens de docência* do professorado que atua na rede pública municipal de ensino básico do município de Pelotas, Rio grande do Sul. Trata-se de um recorte da pesquisa 'Constituição das doenças da docência (docenças)<sup>2</sup>, que analisou as relações entre o processo de trabalho e o mal-estar docente. Pesquisa essa realizada entre junho de 2007 e outubro de 2009, com dados médicos e funcionais dos anos de 2006-2007 e valendo-se de entrevistas semi-estruturadas realizadas durante os anos de 2008-2009 com professoras que tiveram problemas de saúde no período, discutimos aspectos, dimensões e elementos do processo de trabalho que geram o chamado *mal-estar docente*; mal-estar esse que acaba produzindo doenças ocupacionais, desestímulos à uma carreira do magistério ou, no limite, jogando as professoras em práticas rotinizadas e desmotivadoras.

Para a realização das entrevistas optamos pelas dez escolas da rede municipal em que havia mais professoras que se valeram de licenças de saúde. Conversamos com a equipe diretiva, solicitando a participação das professoras que, de acordo com a sua disponi-

---

2 A palavra/conceito docença (e não docência) vem se formulando no movimento de elaborar perguntas e respostas aos problemas físicos e mentais que enfrentam professoras nas suas relações com o trabalho educativo e que não parecem caber somente no esgotamento e no desgaste do exercício das atividades docentes. O trabalho, ao mesmo tempo e de outro modo, se mostra implicado com uma resistência motivadora que mantém as professoras na profissão. Respostas estritamente práticas, objetivas, classificatórias dentro desse ou daquele desvio padrão de comportamentos, códigos identificatórios dessa ou daquela doença evidenciados na relação entre as características do trabalho e a falta de saúde do professorado ou mesmo a garantia de estabilidade, a urgência do salário (embora insuficiente), não parecem dar conta de explicar tal situação, tampouco a motivação que as faz prosseguir no trabalho educativo. As demandas desafiadoras, a improvisação e a capacidade de recriar recursos ou espaços de trabalho se aproximam de características um tanto heroicas.

bilidade e interesse, foram entrevistadas. O número de docentes entrevistadas variou de um a três docentes em cada uma das dez instituições educacionais. As falas foram gravadas, transcritas e categorizadas em quatro eixos: condições e processos de trabalho, medicalização e imagens da educação.

Neste artigo, em especial, focamos a análise nas entrevistas com professoras que se afastaram do trabalho por problemas de saúde, explorando as imagens de docência produzidas por seus discursos. São imagens que concebem o magistério como sacrifício - *imagens de sacrifício*; imagens essas que tem relação tanto com as precárias condições de trabalho quanto com uma visão idealizada ou romantizada da educação e de seu papel na sociedade.

Empregamos o conceito de imagem não como produto de um fenômeno psíquico, que consistiria na representação das coisas sensíveis; tão pouco partilhamos da ideia de imagem como classe de objetos que funciona como substituto, reprodução ou evolução de coisas consideradas como reais. Imagem é aqui concebida como um discurso que constitui o objeto de que fala, funcionando como uma prática social dentro das relações sociais escolares e pedagógicas, produzindo significados do que é um professor – uma professora – de verdade, profissional e eticamente. Nessa medida, as *imagens de sacrifício* produzem um sobrecarga política sobre as concepções que circulam e são produzidas no interior – e no exterior – da escolaridade, posicionando as professoras como sujeitos de dever, sujeitos de doação acima e as expensas de outras possibilidades de pensar-se dentro e sobre a profissão.

No entanto, não é possível ignorar que apesar dessa realidade, geralmente envolvendo desgastantes demandas e exaustivas rotinas escolares, o trabalho docente também constitui espaços de resistência motivadora e, paradoxalmente, mantém as professoras dentro da profissão. As demandas desafiadoras, a improvisação e a capacidade de recriar recursos ou espaços de trabalho, muitas vezes em condições desfavoráveis, tornam a análise da profissão docente um exercício bastante complexo e nada linear.

## Condições e o Processo de Trabalho

Palavras como carências, salas de aula sem reboco e sem pintura, praças e pátios abandonados, móveis quebrados, recursos didáticos de baixa qualidade ou inexistentes, baixos salários e longas jornadas de trabalho circulam nas conversas com as professoras entrevistadas. Elas mostram a necessidade de negociar seu ofício com as condições de trabalho quase inviáveis, como comenta uma das professoras entrevistadas:

O ano passado uma professora quis que a nossa sala fosse pintada e quem pintou fomos nós. Conseguimos o dinheiro doado; uma doação de um senhor que a gente ligou e pediu, ele mandou cento e cinquenta reais pelo moto táxi e a gente pintou a sala (Professora G – Educação Infantil)

Essa negociação implica, muitas vezes, inventar materiais – a improvisação e a criatividade são alguns dos expedientes usados para aliviarem/atenuarem tal situação -, como relata uma professora sobre o cotidiano de sua sala e de sua escola: *Se eu não tiver uma coisa para trabalhar eu vou buscar outra. Se eu não tiver uma boa canetinha para desenhar com as crianças vou para a grama com as crianças* (Professora N – Educação Infantil)

Para executar as tarefas de forma um pouco mais prazerosa, em lugares um pouco mais agradáveis e com recursos adequados, muitas vezes as próprias docentes compram, do próprio bolso, materiais para auxiliar estudantes carentes, recolhem trocados e doações para garantir o básico: *canetinhas*, tintas, colas, lápis, borrachas, etc. Na palavra de outra professora:

O material que eles [da SME – Secretaria Municipal de Educação] mandam não é suficiente e além de tudo, normalmente, de péssima qualidade. A cola é uma água, vai usar um giz de cera a criança nem pegou e já partiu. Acho que eles se juntam e fazem licitação e aquele que cobra menos é o que ganha a licitação e é um material sempre de péssima qualidade (Professora N – Educação Infantil)

A experiência de trabalhar com poucos recursos ou com materiais de baixa qualidade torna usual que professoras e escolas recorram a produtos descartados por outros, tais como livros e revistas, transformando o lixo limpo em material didático. Assim fala com certa resignação outra professora:

Eu pego uma caixa de sucata, dentro de um berçário; eu acredito que dali eu posso, eu mostro o mundo para as crianças, eu vou ensinar, eu posso ensinar letras, números; eu posso trabalhar. (...) o social eu posso trabalhar a higiene, falar de emprego, de profissões” (Professora V – Educação Infantil)

A disposição para exercer suas tarefas e a convicção da obrigação em criar formas de driblar os processos de desprezo com a educação evidencia que a função docente é cada vez mais desprestigiada socialmente. Melhor dizendo, estas novas exigências sobre o fazer docente têm se constituído em uma nova forma de controle, uma vez que fica naturalizada a cultura da escassez no trabalho docente. Trata-se de uma produção cultural, cujos significados e sentidos atravessam os discursos oficiais, invadem as comunidades escolares e buscam tornar a falta de recursos somente um detalhe na vida das professoras e das escolas. Diz-se muito mais dos professores do que se apresentam condições favoráveis ao seu trabalho.

Somado a isso as professoras recebem salários humilhantes, como relata, de forma hesitante, uma das entrevistadas:

Olha, o salário eu não vou botar o real porque eu me sinto muito humilhada. Se eu soubesse que tu irias fazer essa pergunta... Vou botar dois salários e meio, assim fica mais chique! (...) Ah, o salário não vou botar (Professora M – Educação Infantil)

Em condições tão adversas e com salários muito abaixo de suas necessidades pessoais e de qualificação profissional, as docentes, além disso, fazem notar o quanto percebem que suas funções têm sido hipertrofiadas pelas mudanças sociais contemporâneas. Nas palavras das professoras, o compromisso com a



educação se estende às relações que seriam estritas à família. Algumas mães e pais, quando chamados à escola, lamentam e justificam suas ausências na vida de seus filhos pelo trabalho, pela falta de tempo. Abrem mão da função de educar, de estabelecer limites e regras, entregando decisões e soluções para as professoras, como exemplifica uma das entrevistadas ao relatar aquilo que mais ouve dos pais de seus alunos:

Eu não posso mais (...); eu não posso com a vida dele, professor; vocês nem me liguem mais se ele fizer alguma coisa na sala de aula, vocês podem ligar direto para o conselho tutelar (Professora L – Educação Fundamental – Séries Iniciais)

A vida familiar entra na escola sem pedir licença e exige posicionamentos e escolhas das professoras. Desse modo, o suposto dito desmazelo ou afastamento da família em relação à educação de seus filhos implica mais cuidado, mais atenção, mais esforço das professoras dentro do espaço escolar.

Os compromissos das professoras com a escola continuam depois do expediente: correção de provas, planos de aula, preparação de material didático, etc. Além disso, efetuam as tarefas domésticas e algumas ainda trabalham em outras atividades – para melhorar a renda variam as atividades, investem em outros serviços que complementem os escassos recursos que a profissão oferece. O professorado se vê obrigado a ter uma jornada de trabalho bastante alargada.

Apesar de enorme investimento de tempo e saúde das professoras com a educação, o Estado (o município) provém cada vez menos políticas de amparo social à categoria, ficando ao encargo das docentes a criação de mecanismos de segurança, com a esperança de garantia de sua sobrevivência, de sua saúde e de sua aposentadoria, o que de fato não vem acontecendo:

A PREVPEL [Instituto de Previdência dos Servidores Públicos Municipais de Pelotas] não me cobre nada. Estou indo pelo SUS mesmo, porque assim poderia fazer a cirurgia aqui em Pelotas. Pela PREVPEL seria a cirurgia o custo de R\$ 13.000,00 (...). E aí, bom, fui particular,

inviável, porque só a cirurgia e fora todos os custos de hospital mais internação imagina só a cirurgia. Aí eu fui para o SUS (...). Eu comentei para as minhas colegas, a gente está perdida na PREVPEL (...). A hora que adoce realmente assim é muito difícil contar; agora, inclusive essas 40 horas, temos um desconto x, vamos supor cinquenta reais de PREVPEL [para] cada 20 horas; como eu tenho outra matrícula, eu e outras colegas, nós ainda comentamos: será que somos descontadas? (...) fomos nos informar, somos descontadas por matrícula; cada matrícula tem um desconto. A nossa saúde está muito precária, não só a educação (...), quando a gente convive por esses meios é que a gente vê, o que é a precariedade. (Professora R – Educação Fundamental – séries iniciais)

Sem garantias, com estabilidade e assistência à saúde ameaçadas, submetida cada vez mais a avaliações e condições de trabalho quase sempre desfavoráveis e depreciativas, a professora precisa ser empreendedora, criar condições de sobrevivência, de satisfação ou promessa de satisfação no seu ofício; precisa driblar os problemas da vida escolar, precisa produzir soluções dentro e fora da profissão. Sem dúvida que isto tem implicações sobre sua saúde, conforme tem sido indicado em diversas pesquisas (Santos, Stobäus, Mosquera, & Missel, 2005; Reis et al, 2006; Gasparini, Barreto, & Assunção, 2005, entre outros).

Longas jornadas de trabalho, dificuldades de acesso à escola, tempo gasto para o deslocamento e horário reduzido para fazer as refeições comprometem a qualidade de vida e de saúde das docentes.

Tem, tem a ver com o meu trabalho, por que é um trabalho que te exige muito, muito compromisso. Tu não pode pegar uma outra atividade fora da escola. Por que assim, se tu pega às 7:30h tu trabalha até as 11:30h, aí tu retorna pra escola, faz o intervalo do almoço. Se tu ficar no horário das 17:30h tu nunca sai cinco e meia, por que tu tens que rezar que alguém lembre de buscar o seu filho na escola. Então isso é muito cansativo. E tu sai daqui, tu tens a tua casa, tens tua vida e a saúde tu vai empurrando, foi o

que aconteceu comigo. (Professora J – Educação Infantil)

São múltiplos os fatores e as condições de trabalho que levam as professoras ao adoecimento. A passagem do tempo, as rotinas e as raras mudanças têm efeitos nas suas vidas, e assim as esperanças e a vontade de exercer o ofício muitas vezes vai se desvanecendo.

## Medicamentação do Professorado

Como chegamos a pensar sobre nossa tristeza como uma condição chamada “depressão”, causada por um desequilíbrio químico no cérebro que pode ser tratada com drogas que reequilibrariam essa química? Como começamos a experienciar nossas preocupações em casa e no trabalho “desordem generalizada de ansiedade” também causada por um desequilíbrio químico o qual também poderia ser corrigido pelas drogas? (Rose, 2003, p.48).

Estamos chamando medicamentação, ao jogo de relações entre a emergência das professoras em adequarem-se as situações educacionais conflituosas e pouco favoráveis que estão sujeitas no seu ofício, e as tentativas de atenuar os efeitos prejudiciais dessas condições sobre a saúde, através do consumo de medicamentos.

Pesquisas no campo educacional têm mostrado que professoras vêm perdendo a vontade e o prazer em exercer a docência e, com o passar do tempo, o desgaste tem conduzido, grande parte das profissionais a estranhar seu lugar de trabalho, seus colegas, seus estudantes e sua profissão. E, por vezes, esse processo é seguido de nervosismo, irritabilidade e estresse.

Essa mudança, de comportamento e de humor, tem levado as professoras a buscar o reequilíbrio e a readaptação. Frente às intensas exigências das atividades educativas, as inúmeras demandas e a falta de suporte social, elas tentam através de produtos químicos, prescritos ou acessados com facilidade nas prateleiras das

farmácias, modos de aliviar os problemas que a atividade laboral vem trazendo à saúde. Isso aparece no depoimento da professora H: *O pessoal diz: 'eu vou sair' [sair da escola, do magistério] – o pessoal vive tomando antidepressivo – 'e [dizem, repetem] amanhã eu vou sair.*

As melhoras das condições materiais de trabalho não exerceriam função semelhante, no entanto, mais eficazes e sem os efeitos colaterais das drogas farmacêuticas?

O mal estar das professoras parece mais associado às características da racionalidade política contemporânea que, ao vincular a educação aos interesses meramente econômicos e mercadológicos, descuida da profissão docente e da educação. Tal modelo de razão, diz às crianças, aos jovens, aos adultos e as professoras que cada vez há menos espaços para elas e para eles, que somente algumas e alguns vão conseguir construir algo no mundo, poucos e poucas, (somente os/as selecionados/as) terão educação e/ou emprego.

## Mestres da Renúncia de Si

Não raras vezes, o processo educativo exige mais que vontade, uma crença quase inabalável na tarefa de educar, no valor de transformar a vida de estudantes em possibilidades de escolher caminhos para modificar suas realidades. Professoras mostram a precariedade de recursos materiais e simbólicos de grande parte das crianças e jovens da escola, esse mergulho cotidiano nessas outras vidas, não permite cruzar os braços, mas arregaçar as mangas e fazer qualquer coisa ou muitas coisas. Nesse cuidado com os outros, muitas adoecem, olham pouco para as condições da sua profissão ou olham menos isso e mais aqueles.

A educação e a escola estão voltadas em grande parte às demandas do mercado, mais do que ao cuidado de si (Foucault, 2008), ao cuidado do outro. Sua lógica é muito próxima do governo dos outros, dos disciplinamentos e das normatizações de corpos e mentes. Essa lógica cria paradoxos educacionais que se evidenciam nas atividades docentes, quando muitas professoras são capturadas por formas de agir, sentir e pensar que as tornam as únicas respon-

sáveis pelo processo educativo, pelas condições de trabalho, pela ineficiência do sistema público, impondo-lhes uma conduta balizada pela auto exigência e pelo auto investimento na tarefa de educar.

O olhar atento à educação e a escola nos faz pensar como Rancière (2004, p.9):

(...) é preciso esquecer, para poder continuar a edificar escolas, programas e pedagogias, mas, também como uma dessas dissonâncias que, em certos momentos, talvez seja preciso escutar ainda, para que o ato de ensinar jamais perca inteiramente a consciência dos paradoxos que lhe fazem sentido.

## **Visões da Educação - Imagens de Sacrifício**

O quadro apresentado acima indica alguns aspectos, dimensões e elementos do processo de trabalho docente que têm atingido as professoras de um a forma tal que o sacrifício acaba se tornando uma espécie de conteúdo necessário e natural do trabalho educativo. A imagem do sacrifício é impactante e gera certo tipo de autogratificação que, entretanto, põe as professoras em crescente risco de adoecimento.

Essa imagem vem sendo produzida e adensada pelas atuais características e condições de exercício da profissão docente. Uma imagem marcada pela intensificação e desprezo que atualmente vivencia o professorado. Dois aspectos – intensificação e desprezo – têm balizado o jeito das professoras conduzirem as tarefas na sala de aula e na escola, os modos de ensinar e aprender, as expectativas de alterar a vida de centenas de jovens e crianças que passam pelas salas de aula, pelos corredores e pátios das escolas.

A disposição das professoras para exercer suas tarefas e a convicção da obrigação em criar formas de driblar os processos de desprezo com a educação vem sendo culturalmente produzidos. Os significados e sentidos que atravessam os discursos oficiais, midiáticos e familiares invadem as comunidades escolares, tornando a falta

de recursos somente um detalhe no trabalho docente.

O sacrifício se naturaliza como um componente quase inextricável da profissão docente. O mestre da renúncia de si, do sacrifício pelo outro, com o peso das condições de trabalho e de vida, marcam grande parte das representações da profissão que circulam na sociedade.

Ao aceitarem tais representações como naturais – e legítimas –, as professoras acreditam demonstrar sua vocação, seu valor e, com isso, pensam conquistar o reconhecimento da comunidade. Entretanto, desconfiamos dessa doação, da forma como vem ocorrendo, pois mais do que reconhecimento, o sacrifício - no caso da rede investigada - transforma-se em adoecimento das professoras<sup>3</sup>.

O processo de trabalho docente está se tornando (ou já é) fator de adoecimento crescente das professoras, tornando a docência quase que um sinônimo de doença. Pode-se pensar essa relação a partir da criação de um novo termo para expressar a profissão de educar nas atuais condições de trabalho: *docença* – termo que destaca as carências vividas cotidianamente pelas professoras, principalmente nas Escolas de Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental<sup>4</sup>. Termo que também remete às salas de aula obscuras e mal iluminadas; remete à ausência de materiais didáticos, de apoio pedagógico, de espaços de recreação; remete também a baixos salários e a longas jornadas de trabalho.

Nessas condições, aumenta o sacrifício de muitas professoras, até um limite entre a instalação da doença ou o distanciamento emocional do trabalho, que se impõe como uma forma de autopreservação.

Como ignorar as dimensões políticas e de sanidade que estão envolvidas nesse processo? Como não ver que as escolas estão funcionando mais por abnegação de seus agentes do que por efetivo

---

3 A Secretaria Municipal de Educação possuía nos anos 2006-2007 um total de 2334 matrículas de professores. Destes, 496 possuíam duplo registro. Do quadro total de docentes, 1230 matrículas foram responsáveis por 4642 afastamentos por questões de saúde.

4 As professoras que atuam na Educação Infantil correspondem a 9% da categoria, totalizando 209 docentes. É neste grupo de professoras que identificamos, percentualmente, o maior número de licenças de saúde (64,5%).

apoio e investimento governamental?

Não é possível ignorar que os problemas da educação no município - e no Brasil - não podem ser reduzidos a uma questão moral ou técnica. Certamente que a sociedade, os gestores da educação e o próprio professorado precisam discutir abertamente a respeito das condições materiais (inclusive salariais) e pedagógicas nas quais a educação vem sendo processada.

Do mesmo modo, não é possível que a sociedade, os gestores da educação e o professorado ignorem o imaginário que ativamente vem sendo construindo sobre o significado da educação e o conseqüente processo de desautorização que a docência e as próprias escolas estão sofrendo. Como alerta Sacristán (2008), os discursos governamentais e midiáticos ressaltam a importância da educação e do professorado para o desenvolvimento das pessoas, da cultura e da sociedade. Entretanto, trata-se muita mais de retórica do que um tratamento justo que implique, na prática, reconhecimento e valorização pelo seu trabalho. E conclui o professor espanhol dizendo que, nesta ótica, a função de educar é muito importante, mas as figuras que o desempenham nem tanto.

As expectativas das professoras vão sendo desmanchadas pelas escassas respostas e pela pouca satisfação na execução das atividades educativas, assim como na transformação das condições de trabalho. Além disso, a mudança da realidade das crianças e dos jovens com quem diariamente têm contato é pouco perceptível. Esse mergulho cotidiano nessas outras vidas não lhes permite cruzar os braços e, marcadas por um desejo de ajudar e transformar a vida dos seus alunos de uma forma quase religiosa e maternal, as professoras são incitadas a acharem soluções próprias, às vezes individuais, para processar seu trabalho. Somado a isso, as atuais políticas educacionais, as orientações midiáticas e as experiências familiares produzem discursos que atravessam a construção da profissão docente cotidianamente.

É notável que nos últimos anos tenham aumentado as responsabilidades e as exigências que se projetam sobre as educadoras, concluindo com um processo histórico de uma rápida transformação do contexto social, o qual tem sido traduzido em uma modificação do papel do professor, que implica uma fonte importante de mal-estar

para muitos deles (Esteve, 1999).

Costa (2005, p. 1265-1266) escreve que em nossa sociedade, “ser professor”, “educar” e “formar educadores”, por exemplo, tornam-se atividades, à primeira vista, valorizadas socialmente, ou seja, significadas como dignas e importantes. Atividades fundamentais para o presente e o futuro dos homens. Observa-se, pois, uma valorização tal desse “que fazer” pedagógico que, sob os ombros dos profissionais da educação, terminaria por pesar uma enorme responsabilidade *moral*: a de civilizar uma vila, uma coletividade, uma cidade, um estado, um país e, em nossos dias, todo um mundo que inexoravelmente se globaliza. Em face de sua desmedida missão civilizadora, a tarefa de educar parece ter assumido uma extrema gravidade, podendo facilmente associar-se a educadora à figura de um soldado e de um salvador, não sendo menos correto associá-la também a figura de um *carregador de fardos*: *tanto voluntarismo, tanta abnegação, tanta renúncia e tanta culpa*. Quando as coisas não vão bem nas searas da educação costuma-se imputar aos professores apatia, despreparo, ineficiência, desinteresse ou mesmo falta de civismo.

Nesse processo, a visão da educação e da educadora quase se confunde com uma crença pastoral, como pode ser lido na fala abaixo:

Eu acredito ainda no ser humano, eu acredito na educação. E acredito que a gente pode, por pouco que seja a gente pode plantar uma sementinha, e que aquilo ali vai dar bons frutos. (Professora L, Educação Fundamental – Séries Iniciais)

A forma como os discursos do ser professora são legitimados, aceitos e recomendados fazem parte do jogo de interesses da razão governamental de nosso tempo, constituindo uma racionalidade que captura a subjetividade e as crenças das professoras. Essa racionalidade é estratégica, ela compõe os jogos de poder, as práticas sociais, culturais, econômicas; faz parte do tecido social – dos controles e das transgressões.

A racionalidade das políticas educacionais constitui condutas morais e produções culturais que se contrapõem. Os interesses não estão postos somente no lado da racionalidade governamental, de



suas táticas e estratégias, mas também do lado das escolhas e do sacrifício – que não é somente abandono de si, mas também idealismo. De todo modo, o sacrifício – como abandono de si e renúncia – marca as representações das professoras. Trabalhar sem condições físicas e emocionais faz parte da doação diária e da luta que professoras precisam fazer para demonstrar sua vocação, seu valor e conquistar o reconhecimento da comunidade. Como argumenta uma entrevistada: *Eu acho que é uma luta da gente mostrar quem é que está aqui e o que a gente está fazendo aqui, o que a gente quer. Acho que nosso objetivo é esse* (Professora P - Educação Infantil).

A palavra vocação também tem sido enfatizada e usada como compensação para a precariedade das condições de trabalho das professoras, de sua renda e da valorização profissional. Todavia, quando se trata de outras profissões, a vocação não significa aceitar ou submeter-se a uma inadequada remuneração e valorização. Nessa linha de pensamento, expõem outra professora:

Se eles não reverem esta parte da educação (...). A pessoa tem que ter vocação. Médico também é vocação, (...) médico é bem remunerado. Advogado também é vocação, bem remunerado, porque é bem remunerado quando ganha uma causa. Por que professor tem que ser [somente] vocação? (Professora T – Educação Fundamental - séries iniciais)

Essa postura parece ter relação com as representações que se movimentam na sociedade, com discursos que repetem incansável e tediosamente: *a profissão é vocação; professoras exercem a docência porque gostam – se quisessem salários melhores deveriam procurar outra profissão; ganham pouco, mas têm dois meses de férias.*

A educação e a escola estão voltadas em grande parte às demandas do mercado, muito próximas do governo dos outros, dos disciplinamentos e das normatizações de corpos e mentes. Essa lógica cria paradoxos educacionais que se evidenciam nas atividades docentes, quando muitas professoras são capturadas por formas de agir, sentir e pensar que as tornam as únicas responsáveis pelo processo educativo, pelas condições de trabalho, pela (in)eficiência do sistema público, impondo-lhes uma conduta balizada pela auto exigência e pelo auto investimento na tarefa de educar.

## Anotações Finais

O estudo indica que as condições e o processo de trabalho, assim como as expectativas frente à educação e a carreira docente têm relação com a saúde das professoras e com o uso frequente de medicamentos. A medicação se tornou um dispositivo para atenuar as situações desfavoráveis do trabalho e garantir a permanência das professoras na escola, servindo não somente como dispositivo de alívio, mas também como dispositivo pedagógico e de gestão da própria educação. Estamos chamando medicamentação, ao jogo de relações entre a emergência das professoras em adequarem-se às situações educacionais conflituosas e pouco favoráveis, que estão sujeitas no seu ofício, e às tentativas de atenuar os efeitos prejudiciais dessas condições sobre sua saúde, através do consumo de medicamentos. A pesquisa mostra que as professoras vêm perdendo a vontade e o prazer em exercer a docência e, com o passar do tempo, o desgaste tem conduzido, grande parte das profissionais a estranhar seu lugar de trabalho, seus colegas, seus estudantes e sua profissão. E, por vezes, esse processo é seguido de nervosismo, irritabilidade e estresse. Essa mudança, de comportamento e de humor, tem levado as professoras a buscar o reequilíbrio e a readaptação. Frente às intensas exigências das atividades educativas, as inúmeras demandas e a falta de suporte social, elas tentam através de produtos químicos, prescritos ou acessados com certa facilidade nas prateleiras das farmácias, modos de aliviar os problemas que a atividade laboral vem trazendo à saúde.

Rose (2003) problematiza como é possível que as preocupações cotidianas com o trabalho e a vida pessoal de cada um tenham passado a ser experienciadas como desordem de ansiedade, depressão ou bipolaridade de humor – dentre outras patologias – que necessitam de tratamento químico já que, no discurso médico contemporâneo pautado pelos fármacos, essas mudanças comportamentais originam-se em desequilíbrios neuroquímicos. Para esse autor a “(...) crença de que variações neuroquímicas estão por trás de variações no pensar, no humor e no comportamento e que essas podem ser moduladas com drogas<sup>5</sup>” (Rose, 2003, p. 46) tem contribuído para que intervenções químicas no pensar e no agir tornem-se

---

5 “(...) the belief that variations in neurochemistry underlie variations in thought, mood and behavior, and that these can be modulated with drugs”.

rotineiras, assumindo status de padrão comportamental nas sociedades as quais o autor nomeia como psicofarmacológicas, em que a produção do eu está diretamente ligada ao funcionamento químico do cérebro. As respostas químicas dadas para questões de ordem subjetiva e/ou social também ampliam a possibilidade de patologizar as condutas. Sendo assim, qualquer modificação de humor que possa atrapalhar o desempenho pessoal ou profissional é rapidamente contornada com a administração de drogas psiquiátricas. Como dito anteriormente, na urgência de lidar com os problemas da escola e pelas características próprias ao trabalho do cuidar, as docentes não podem se dar ao luxo gozar uma licença saúde para que a suposta crise de ansiedade se resolva ou seja investigada em suas origens. Muitos problemas de fundo social passam a ser tratados como mero desequilíbrio entre os componentes químicos do cérebro e o corpo é sacrificado em nome do trabalho.

Nesse processo, o sacrifício se naturaliza como componente inexorável da profissão docente. O mestre da renúncia de si marca as representações da profissão – trabalhar sem condições físicas e emocionais faz parte da doação e da luta das professoras. Nestas condições, aumenta o sacrifício até o limite da instalação da doença, do consumo de medicamentos ou do distanciamento emocional do trabalho. Se, por um lado, as condições de trabalho são efetivamente geradoras do mal-estar docente, a solidariedade entre pares serve de atenuante. Entretanto, em todas as escolas, mesmo nas mais solidárias, encontra-se o largo consumo de medicamentos, em especial para tratar questões de fadiga e de depressão, o que indica uma categoria fortemente adoecida.

## **O que Move, Caracteriza e Mantém as Professoras em seu Ofício de Educar?**

(...) Eu acho que eu nem conhecia ainda uma escola, me deu aquela vontade, não sei de onde eu fiquei sabendo que existia essa profissão, que me deu aquela vontade de ser professora. (Professora R)

Talvez a singularidade, a autoridade para autonegociar-se professora, o jeito particular de conduzir as tarefas na sala de aula e na escola, os modos de ensinar e aprender, as expectativas de alterar a vida de centenas de jovens e crianças que passam pelas salas, pelos corredores e pátios da escola, relações maternais, forma de cuidado ou sacrifício.

Como foi dito, a disposição das professoras para exercer suas tarefas e a convicção da obrigação em criar formas de driblar os processos de desprezo com a educação também são produzidos culturalmente. Os significados e sentidos que atravessam os discursos oficiais invadem as comunidades escolares e buscam tornar a falta de recursos somente um detalhe na vida das professoras. Nesse sentido, o sacrifício se naturaliza como um componente inexorável da profissão docente. O mestre da renúncia de si, do sacrifício pelo outro, com o peso das condições de trabalho e de vida, marcam as representações da profissão docente que circulam na sociedade – trabalhar sem condições físicas e emocionais faz parte da doação diária e da luta das professoras. Assim acham que demonstram sua vocação e seu valor para conquistar o reconhecimento da comunidade.

O quadro apresentado acima indica alguns aspectos, dimensões e elementos do processo de trabalho docente que têm atingido as professoras de uma forma tal que o sacrifício acaba se tornando uma espécie de conteúdo necessário e natural do trabalho educativo. A imagem do sacrifício é impactante e gera certo tipo de autograti-ficação que, entretanto, põe as professoras em crescente risco de adoecimento.

Essa imagem vem sendo produzida e adensada pelas atuais características e condições de exercício da profissão docente. Uma imagem marcada pela intensificação e desprezo que atualmente vivencia o professorado. Dois aspectos – intensificação e desprezo – têm balizado o jeito das professoras conduzirem as tarefas na sala de aula e na escola, os modos de ensinar e aprender, as expectativas de alterar a vida de centenas de jovens e crianças que passam pelas salas de aula, pelos corredores e pátios das escolas.

A disposição das professoras para exercer suas tarefas e a convicção da obrigação em criar formas de driblar os processos de desprezo com a educação vem sendo culturalmente produzidos. Os significados e sentidos que atravessam os discursos oficiais, midiáti-

cos e familiares invadem as comunidades escolares, tornando a falta de recursos somente um detalhe no trabalho docente.

O sacrifício se naturaliza como um componente processual do trabalho docente. O mestre da renúncia de si, do sacrifício pelo outro, com o peso das condições de trabalho e de vida, marcam grande parte das representações da profissão que circulam na sociedade.

Ao aceitarem tais representações como naturais – e legítimas –, as professoras acreditam demonstrar sua vocação, seu valor e, com isso, pensam conquistar o reconhecimento da comunidade. Entretanto, desconfiamos dessa doação, da forma como vem ocorrendo, pois mais do que reconhecimento, o sacrifício - no caso da rede investigada - transforma-se em adoecimento das professoras<sup>6</sup>, produzindo assim sentimentos que misturam indiferença, fracasso profissional e esgotamento físico e mental entre as docentes.

## Referências

- Costa, S. S. G. (2005). De fardos que podem acompanhar a atividade docente ou de como o mestre pode devir burro (ou camelo). *Educação & Sociedade*, 26(93), 1257-1272.
- Esteve, J. S. (1999). *O mal-estar docente*. Bauru, SP: Edusc.
- Foucault, M. (2008). *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes.
- Gasparini, S. M., Barreto, S. M., & Assunção, A. (2005). O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. *Educação & Pesquisa*, 31(2), 189-199.
- Rancière, J. (2004). *O mestre ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Reis, E. J. F. B., Araújo, T. M., Carvalho, F. M., Barbalho, L., & Silva, M. O. (2006). Docência e exaustão emocional. *Educação & Sociedade*, 27(94), 229-253.

6 A Secretaria Municipal de Educação possuía nos anos 2006-2007 um total de 2334 matrículas de professores. Destes, 496 possuíam duplo registro. Do quadro total de docentes, 1230 matrículas foram responsáveis por 4642 afastamentos por questões de saúde.

270 VERA LÚCIA GAINSSA BALINHAS, JARBAS SANTOS VIEIRA, MARIA DE FÁTIMA DUARTE MARTINS,  
MARIA MANUELA ALVES GARCIA, LEOMAR ESLABÃO, ALINE FERRAZ DA SILVA, CARMEM LÚCIA  
FETTER E VANESSA BUGS GONÇALVES

Rose, N. (2003). Neurochemical selves. *Society*, 41(1), 46-59.

Sacristán, J. G. (2008). ¿De dónde viene la crisis de la profesión docente? *Cadernos de Educação*,(30), 79-88.

Santos, B. S., Stobäus, C. D., Mosquera, J. J., & Missel, F. A. (2005). O mal-estar docente perante o uso das tecnologias de informação e comunicação. *REICE - Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación*, 3(3), 344-358. Recuperado de [http://www.ice.deusto.es/rinace/reice/vol3n1\\_e/Steren.pdf](http://www.ice.deusto.es/rinace/reice/vol3n1_e/Steren.pdf)

---

Recebido em 17 de setembro de 2009

Aceito em 15 de novembro de 2010

Revisado em 19 de maio de 2011